

A FOTOGRAFIA COMO REATIVADORA DE LAÇOS E RESSIGNIFICADORA DE ESPAÇOS E MEMÓRIAS

CIBELE DA ROSA GIL¹
CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²

¹*Universidade Federal de Pelotas – gilcibeler@gmail.com*

²*Universidade federal de Pelotas – attos@vetorial.net*

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, em desenvolvimento, tem como objetivo a investigação da fotografia como agente potencializador das relações de pertencimento estabelecidas entre alunos e escola. Essa inquietação parte de uma oficina realizada através projeto de extensão “Arteiros do Cotidiano”, o qual traz como objetivo o de estimular a aproximação dos acadêmicos de Artes Visuais – Licenciatura da realidade escolar, através da elaboração e execução de atividades teóricas e práticas desenvolvidas com estudantes da Educação Básica. Nele, a minha participação se deu através da proposta de colorização de fotografias, desenvolvida com estudantes do quinto ano da Escola Félix da Cunha.

Na ocasião os estudantes foram até o Centro de Artes, onde foram recepcionados pelos membros do projeto e direcionados para as salas. Durante as atividades conversei sobre a história da fotografia e da colorização, expondo de forma dialogada certos questionamentos, enquanto disponibilizava fotos que realizei da escola, algumas em plano geral e outras da fachada, propondo ao grupo o exercício da técnica. Ao longo do encontro percebi com surpresa que muitos estudantes, mesmo aqueles que estudavam na escola há mais de um ano, não reconheciam os detalhes do prédio, e que naquele momento a colorização das fotografias era um meio de aproximação desses alunos com os detalhes antes desapercebidos.

Percebi que através da colorização manual de fotografias é possível romper com a ordem: “Pare, tire uma fotografia e siga em frente” (SONTAG, 1983, p.10), pois colorir demanda tempo, atenção e até mesmo introspecção. Esse é um momento para recriar realidades, que possibilita debruçar sobre a imagem fotográfica com outro olhar, não mais aquele do enquadramento e da composição, mas um olhar com pretensão de demorar-se nesse lugar, analisando os detalhes e percebendo os lugares.

Considero que é de fundamental importância a exploração da fotografia na arte/educação, pois a fotografia além de ser uma arte visual, é também um produto cultural e histórico, que expõe a multiplicidade da arte e aproxima tanto o arte/educador, assim como os estudantes, de temas referentes à cultura visual contemporânea.

Na contemporaneidade, o estudo das imagens e a prática da percepção visual torna-se fundamental em um mundo dominado pela banalização das imagens e das informações, principalmente se considerarmos a disseminação/democratização do ato fotográfico. Sendo assim, o arte/educador tem em suas mãos a possibilidade de formar indivíduos críticos diante das imagens que povoam o cotidiano, e sobre o assunto me apoio em Boechat quando nos convida à reflexão dizendo que a:

Educação que aponta para o ensino e a pesquisa das artes ajuda a construir uma vida significativa numa perspectiva social mais ampla e mais profunda. De convededor de artistas e estilos, o aluno passa a leitor, intérprete e crítico de todas as imagens presentes no seu cotidiano (BOECHAT, 2012, p.22).

Para o desenvolvimento da pesquisa utilizei a obra de Susan Sontag (1983), que me auxilia a pensar o mundo como um conjunto potencial de fotografias, e Marie-Christine Josso (2002), estruturando a reflexão acerca do pensar sensível na formação. A partir da obra de Josso, vejo as minhas experiências de vida como metodologia de pesquisa-formação, sendo assim percorro o que a autora chama de “caminhar para si”, através da reflexão de minhas narrativas de vida e experiências.

Me apoio na obra de Didi-Huberman (2011) para pensar o ato de ver e ser visto, como o autor cita “É necessário saber olhar como olha um arqueólogo. E é através de tal olhar – tal interrogação – sobre o que vemos que as coisas começam a olhar para nós de dentro de seus espaços enterrados e de seus tempos desaparecidos”(2011, p.61) e no contexto da arte educação, exploro a educação do olhar e da ampliação dos modos de leitura das imagens que nos cercam através de Analice Dutra (1999)

2. METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa e a metodologia proposta é a da cartografia através do estudo de caso, ou seja, digo com isso que minha pesquisa não se baseia em uma meta fixa, mas um caminhar que traça, durante o percurso, suas próprias metas (PASSOS, 2015, p. 17). Para pensar a cartografia utilizei Virginia Kastrupe (2015) que me apresenta a chance de realizar uma pesquisa que, através da análise dos percursos, me permite descrever, discutir e coletivizar minhas experiências.

Em acordo com tal proposta, os procedimentos metodológicos preveem:

- ✓ Discussão acerca da relação que traçamos com o que nos rodeia e as potencialidades da fotografia como reativadora e ressignificadora das relações de pertencimento, com base em levantamento teórico sobre o tema;
- ✓ Realização de práticas de colorização manual de fotografias com escolares;
- ✓ Desenvolvimento de ações-intervenções poéticas no ambiente escolar, utilizando a produção das práticas;
- ✓ Realização de entrevistas e registros em vídeos com os envolvidos;
- ✓ Análise dos resultados e suas repercussões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento foram realizadas duas oficinas com alunos da rede pública de ensino, ambas com alunos do ensino fundamental, sendo uma destas a já citada anteriormente. Sendo assim, as suposições de que as oficinas de colorização de fotografia são um meio de problematizar essa relação já foram confirmadas, pois em ambas, de formas diferentes, é possível notar ora o não reconhecimento dos alunos diante de imagens de detalhes do prédio, ora a dúvida dos mesmos diante o questionamento sobre as cores ou detalhes. Deste modo essas duas experiências antes citadas são minhas maiores inquietações

acerca da relação que traçamos com os lugares: seria a fotografia uma possível ativadora dessa relação?

4. CONCLUSÕES

As práticas de colorização manual de fotografias despertaram em mim questões que são norteadoras desta pesquisa. Dentre essas, percebi que o “demorar-se” ao observar a imagem fotográfica, exigido por esse modo de intervenção, produz novas narrativas diante das imagens, reativando e ressignificando minhas ligações com os lugares retratados. Ao ler Sontag (2004) entendi como a fotografia pode ser um ato de negação, pois ao enquadrar uma cena devemos deixar determinados elementos fora do enquadramento. Portanto, a fotografia resulta de escolhas subjetivas que determinam o “fora-de-campo” e, em vista disso, entendo que a colorização manual nos dá uma chance de inserir tudo o que não conseguimos abranger no momento do click. Percebo, também, que a colorização trouxe à tona o fato de que a fotografia por si só pode ser uma ligação entre sujeito e lugar, retomando assim a questão desta pesquisa, sobre a sua potência como ativadora e (re)significadora das relações de pertencimento do sujeito com o mundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUTRA, Analice. **A Educação do olhar no ensino das Artes.** Porto Alegre. Editora Mediação. 1999.
- JOSSO, Maria-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo. Cortez Editora. 2004.
- SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia.** Rio de Janeiro. Editora Arbor. 2^a Edição. 1983.